

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Psicologia

Gabriela Machado Dias

Os sentidos do corpo: Uma aproximação a partir da  
fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e  
interloquções.

São Paulo

2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Psicologia

Gabriela Machado Dias

Os sentidos do corpo: Uma aproximação a partir da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e interlocuções.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial para  
aprovação no curso de Psicologia na PUCSP,  
orientado pelo Prof.º Dr. º Marcos Oreste  
Colpo.

São Paulo  
2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à vida que, em uma tarde calorosa em Copacabana, fez com que eu percebesse-vivendo o modo- de- estar- no- mundo violento de meus amigos para com si mesmos e para com os outros.

Agradeço ao professor e orientador Marcos Oreste Colpo pela paciência, dedicação e delicadeza ao ajudar com o tema e pelo seu olhar vasto do mundo e de referências bibliográficas;

Ao professor Nichan Dichtchekian que, no 'II Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica: corpo e violência', me influenciou através de seu olhar sensível e crítico sobre o corpo e a violência e que, para além da influência, aceitou prontamente parecer o trabalho.



## **RESUMO**

A presente pesquisa teve por objetivo pensar o modo como o corpo foi sendo pensado na história do pensamento ocidental, mais especificamente, procuraremos revelar os sentidos que constituem o olhar sobre o corpo na nossa época atual, dos séculos XX e XXI, denominada por Heidegger de a Época da Técnica Planetária. Essa época caracteriza-se pelo aprofundamento do modo de pensar metafísico e seus desdobramentos com a ciência e a técnica moderna. Esse trabalho é um ensaio teórico orientado pelo pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) principalmente após 1930, período em que o pensador se dedica a observar uma História do Ser, ou seja, aos modos como "ser" foi sendo interpretado nesse nosso horizonte histórico da ocidentalidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Corpo, corporeidade, corpo e tempo, Heidegger, história do Ser.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>01</b> |
| <b>CAPÍTULO I - METODOLOGIA.....</b>   | <b>03</b> |
| <b>CAPITULO II – CORPO E A HISTÓRIA DO SER.....</b>  | <b>05</b> |
| 1. O CORPO NA ERA CLÁSSICA.....  | 06        |
| 2. O CORPO MEDIEVAL.....   | 08        |
| 3. O CORPO NO RENASCIMENTO.....  | 09        |
| 4. O CORPO NA MODERNIDADE.....   | 11        |
| <b>CAPITULO III – INTERLOCUÇÃO DO PENSAMENTO<br/>HEIDEGGERIANO COM OUTROS AUTORES.....</b> | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO IV – A CORPOREIDADE E AS PRÁTICAS<br/>PSICOLÓGICAS.....</b>                    | <b>19</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>25</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>   | <b>27</b> |

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é um ensaio teórico que tem como objetivo refletir sobre o modo como o corpo foi sendo colocado na história do pensamento ocidental, mais especificamente, procuraremos revelar os sentidos que constituem o olhar sobre o corpo na nossa época atual, séculos XX e XXI, denominada por Heidegger de a Época da Técnica Planetária. A relevância dessa pesquisa está em poder testemunhar esses modos interpretativos do corpo, revelando que desde Platão houve um afastamento do corpo como fonte da percepção sensível, como modo de se conhecer o real, dando ênfase ao mundo suprassensível – o mundo das ideias, portanto, a um olhar teórico, abstrato sobre o real. As consequências dessas noções com Platão, inclusive dessa dicotomia entre corpo e espírito, é aprofundada na história do pensamento ocidental ganhando maiores repercussões na modernidade com a filosofia de Renè Descartes, onde o homem é visto como SUJEITO, como constituído por uma *res cogitans* (coisa pensante). Essas diferentes interpretações sobre o corpo, e a dicotomia observada, implicaram em modos de ver e tratar o corpo humano, cujas consequências serão abordadas no trabalho de pesquisa.

Os fundamentos dessa pesquisa estão alicerçados nas contribuições do pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) após 1930, época em que o pensador se dedica a uma História do Ser, ou seja, ao modo como “ser” foi sendo interpretado na história do pensamento ocidental. Esses diferentes modos de se interpretar o ser e a verdade, condicionam toda a pergunta que indaga pelo que é e como são as coisas, nesse sentido, o corpo foi sendo interpretado de diferentes modos até chegar a nossa época atual, séculos XX e XXI, denominado por Heidegger de Época da Técnica Planetária.

O trabalho de pesquisa procurará chegar até a época da Técnica Planetária, utilizando, como dito anteriormente, tanto o pensamento de Heidegger como contribuições de autores contemporâneos. Atualmente, no século XXI, procuramos consolidar posições em que o corpo passa a ser visto como produto, como mercadoria e também como corpo eficiência. Nesse sentido, abordaremos a repercussão do olhar

em relação aos sintomas da nossa época atual, repercussão essa que mostra a tendência em encaixar o corpo como o corpo potência, o corpo eficiente; o corpo que não envelhece; o corpo transformado em mercadoria; o corpo exaltado pela estética do mundo fashion; os transtornos alimentares entre outros modos de se viver essa corporeidade na modernidade.

No primeiro capítulo abordaremos a orientação metodológica desse trabalho, no segundo capítulo faremos uma breve retomada histórica de como o corpo foi pensado e sentido desde a era clássica até a atualidade, sendo afetado pelo pensamento metafísico. No terceiro capítulo, será feita a interlocução do pensamento heideggeriano com outros autores que dão ênfase ao corpo no seu sentido de 'corpo-produto' e/ou 'corpo-exibição'. No quarto e último capítulo serão discutidas as práticas psicológicas em relação à corporeidade.

## CAPÍTULO I - METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico que tem por destinação discutir a corporeidade, ou seja, os sentidos que sustentam essa escolha como condição da existência humana. Justamente porque o ser-aí<sup>1</sup> é um ente que se encontra alocado no mundo enredado em contextos de significação e sentido, o corpo ou melhor a corporeidade (o corpo vivido) realiza-se como âmbito de possibilidades de poder ser do ser-aí. Por meio do corporar (verbo) e não do corpo como substantivo, nós nos expressamos, nos movimentamos, dançamos, realizamos empenhos esportivos, enfrentamos desafios e aprendemos sobre nós mesmos. Frequentemente associamos o corpo como um potencial modo de ser no mundo, e esse modo de ser sofreu modificações ao longo da história do pensamento ocidental. Observa-se atualmente que o corpo, através das mídias sociais, tomou-se como forma o corpo 'exemplo', o corpo vitrine, o corpo saudável, o corpo estético e vendido. Mas a corporeidade pode atender a outros sentidos, como por exemplo, um ato de fragmentação do sentido do próprio eu, como vemos nos distúrbios de imagem.

Podemos dizer que este trabalho é uma 'analítica do sentido' que se debruça sobre o fenômeno da corporeidade. Em termos fenomenológicos podemos dizer que se trata de uma *fenomenologia hermenêutica*, aproximada por Martin Heidegger (1889-1976) na sua ontologia fundamental *Ser e tempo* (1927). Nessa ontologia Heidegger dedica o parágrafo sétimo para refletir sobre o método de investigação fenomenológico, procurando entender o sentido das palavras fenômeno + logos, termos que uma vez refletidos na sua etimologia e essências podem nos levar à compreensão do método.

Heidegger (2009); observa:

---

<sup>1</sup> O termo ser-aí, tradução usual de *Dasein*, foi um termo utilizado por Heidegger para realizar uma quebra paradigmática em relação a compreensão do homem pelo pensamento metafísico, ou seja, do homem como animal racional em Aristóteles, ou o homem como sujeito em Descartes entre outras acepções. A expressão *Dasein* (ser-aí) tem o propósito de ressaltar a correspondência de uma unidade entre 'ser e o homem', ou seja, é ao homem que o ser se dá.

“ Fenomenologia da presença (ser-aí) é hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar. Desvelando-se o sentido de ser e as estruturas fundamentais da presença em geral, abre-se o horizonte para qualquer investigação” (p.77).

A citação do pensador enfatiza o método como um processo hermenêutico, cujo horizonte é revelar o sentido do ser. Sentido (*Sinn* = rumo, direção do existir), sabe-se que o estudo da significação na linguística aborda dois campos semânticos: o significado e o sentido. O significado refere-se a palavra no seu conteúdo formal, tal como a encontramos nos dicionários, mas o sentido empregado naquelas palavras no aquele conjunto de palavras, precisa ser acessado e ele será acessado levando-se em consideração vários indicativos: quem, disse, como disse, em que momento disse e qual o seu possível propósito. Segundo ainda Heidegger (2009):

“De acordo com a análise, sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreender alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente visualizado. Sentido significa a perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela é” (p.408)

O método fenomenológico em Heidegger realiza-se como um processo hermenêutico, cujo empenho consiste em investigar qualquer fenômeno, nesse sentido buscamos nessa pesquisa revelar os possíveis sentidos para a corporeidade. Sem a pretensão de esgotar o tema, pois o sentido é polissêmico e tangencia o campo da liberdade humana.

## CAPITULO II – CORPO E A HISTÓRIA DO SER.

Segundo Michelazzo (2002), a questão do corpo não é tão presente em Heidegger, sendo que este dedicou poucos parágrafos a este tema na sua ontologia fundamental de “Ser e tempo” (1927). Para Michelazzo (2002), essa ausência se dá através do rompimento com a condição ontológica da tradição metafísica para compreendê-la como fenômeno. Nesse sentido, Heidegger entende a questão do corpo fora dos moldes das interpretações tradicionais. Contudo, o corpo humano acaba tendo um distanciamento da existência, no sentido que tal é visto como algo objetivado, separado do psiquismo, e isso só é possível porque o corpo é tomado como um *objeto, separado da totalidade existencial do homem*. Na medicina, por exemplo, fala-se em tratar do corpo como se não houvesse uma relação com o mundo da vida, ou seja, da subjetividade a nós inerente.

O projeto metafísico pensou o homem na perspectiva de um distanciamento de si para com sua subjetividade. Isso aconteceu a partir da inserção do pensamento científico natural, onde a lógica sobre o fundamento do real se dava através da objetivação, ou seja, através de um olhar abstrato e teórico sobre o real. A partir do momento em que ocorreu o distanciamento, houve também a mudança sobre como o homem era visto. Em Aristóteles, por exemplo, o humano passou a ser entendido como um ser racional e objetivo, já em Descartes, por exemplo, o homem passou a ser entendido como homem-sujeito.

Heidegger, ao desconstruir o pensamento metafísico, passa a interpretar o homem como ser-aí (*Dasein*), resgatando-se, assim, a existência na sua totalidade. O corpo será visto como corporeidade, ou seja, como modos de relação com o mundo. Cabe observarmos que ‘mundo’ para Heidegger não compreende o espaço onde estão alocadas as coisas e pessoas. Mundo refere-se à rede de relações significativas e de sentidos em que o ser-aí se encontra alocado, portanto, da sua familiaridade. A experiência do corpo, por exemplo, no mundo da dança ou no mundo dos esportes, será distinta do corpo vivido pelo professor ou pelo intelectual. O corpo como um modo de ser corporal poderá ser aproximado através de uma analítica do sentido que

procurará compreender os sentidos que envolvem esse corporar (um possível verbo para sairmos do modo substantivado de ver o corpo).

Abre-se a perspectiva de olharmos a corporeidade como expressão, como linguagem onde muitas vezes os sintomas surgem e se anunciam, como aconteceu no início da psicanálise com Freud, onde os sintomas do corpo abriram espaço para a constituição de uma hermenêutica psicanalítica.

Com Heidegger, mais especificamente na apresentação do método de investigação fenomenológico em *Ser e tempo* (1927), o pensador entende que há modos de manifestações que não se constituem ainda como fenômenos, por serem modo privativos do fenômeno se mostrar. Nesse sentido fala-se em aparências, não no sentido metafísico de simulacros, enganos, mas sim como aquilo que anuncia, indica sentidos, embora ainda não os revelando na sua totalidade. Não somente os sintomas são aparências como também os ícones, símbolos, fetiches e o mundo onírico.

A partir da compreensão de Heidegger de uma 'História do Ser', pós 30, onde o pensador identifica que não somente os ser-aí é finito, temporal e histórico, mas também o modo como o ser foi interpretado, podemos por meio desta contribuição compreender os distintos modos de como o corpo foi objeto de interpretações no horizonte histórico do pensamento ocidental.

Vamos percorrer alguns caminhos interpretativos do corpo seguindo o artigo apresentado por Michelazzo (2003) – *Corpo e tempo* entre outras contribuições.

## 1. O CORPO NA ERA CLÁSSICA

Quanto a historicidade do corpo, para Heidegger, desde Platão até Aristóteles, o pensamento ocidental é marcado pela busca de interpretar aquilo que faz do real o que ele próprio "é".

Platão dizia que o ser do real seria o "aspecto", ou seja, aquilo que diante do real se apresenta e pelo qual nós, humanos, o interpretamos. O aspecto, segundo o filósofo grego, mostra-se de duas maneiras: a primeira através do mundo sensível, que seria o mundo presente, concreto e constante do real, ou seja, esse quadro, essa árvore, esse gato, esse livro. A segunda maneira se dá por meio do mundo supracensível, que se refere ao mundo que fica no nosso pensamento e que recolhe

apenas os aspectos mais importantes e estáveis das coisas do mundo sensível, que seria o mundo ideal, ou seja, não mais o quadro, mas o sentimento que me causa o quadro, não mais o gato, mais a ideia do gato.

Todavia, para Aristóteles, o ser do real é chamado de “substância”. Assim como Platão, essa substância também se apresenta de maneira dúbia: a substância primeira, que seria o mundo concreto e constante, e a substância segunda, que seria o mundo da interpretação e significação (o mundo ideal), ou seja, não mais o gato, mas o animal.

Qual é a implicação de sentido do pensamento da Grécia antiga? Segundo Barbosa (2011), o corpo grego era idealizado, treinado e produzido através de seu aprimoramento estético, aprimorando-o, modelando-o e lapidando o seu corpo a partir de exercícios e meditações. O corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado:

O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante. (BARBOSA, 2011)

Ainda segundo a autora, diante da forma idealizada de pensar e viver o corpo, também se definem formas de estar na sociedade e princípios filosóficos e sociais que assentam na visão como sentido primordial, no olhar, no espelho, como fundamentais para o funcionamento de uma sociedade. Sabe-se que, através de estudos do Foucault (1994), nos séculos I e II:

“os filósofos enfatizavam a necessidade dos indivíduos terem cuidado consigo mesmos, pois seria dessa forma que alcançariam uma vida plena. Eles cuidavam tanto do corpo como da alma, recomendando a leitura, as meditações e regimes rigorosos de atividade física e dietas. Ressalva, ainda, que esse cuidar de si provocou no mundo helenístico e romano um individualismo, no sentido em que as pessoas valorizavam as regras de condutas pessoais e voltavam-se para os próprios interesses, tornando-se menos dependentes uns dos outros

e mais subordinadas a si mesmas. Instaura-se então o que Foucault chama de cultura de si” (BARBOSA, 2011)

Diante disso, podemos observar que para a filosofia clássica de Platão e Aristóteles o “Ser” (no sentido real daquilo que ele é) é mostrado sempre no seu modo presente e constante, mostrando-se sempre igual a si mesmo. Desse modo, a partir do nascimento do pensamento metafísico, podemos apreender que o pensamento ocidental busca entender as coisas em sua “permanência”. A preferência a entender as coisas em sua permanência não se deu ao acaso, e sim, pelo seu contrário. Se deu devido o pensamento não conseguir reverter a impermanência das coisas, sobretudo a impermanência do corpo, sua falta, sua enfermidade, sua ambivalência, uma vez que esse ente é um eterno fluxo, uma abertura a ser algo e, na medida em que se conseguem técnicas para mensurar o real, o pensamento metafísico encontra um meio de “segura-lo” por meio de enunciados, produtos, medicina, de uma ideia imagética, de um conceito pré-estabelecido.

Nesse sentido, podemos pensar que o corpo, mais precisamente o corpo humano, na medida em que pertence a interpretação *entitativa* do real, não passa, para o pensamento Ocidental metafísico, de um epifenômeno (mero fenômeno) do surgir de uma cópia, do exemplo, de uma ideia pré-estabelecida, da permanência.

## 2. O CORPO MEDIEVAL

Segundo Barbosa (2011), sabe-se que o início do pensamento que separa o corpo da alma evidencia-se a partir do advento do cristianismo. Segundo a autora:

“O bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo, prisão da alma, era, pois, um vexame, devia ser escondido. Então, durante os mil e quinhentos anos seguintes – do decreto de Teodósio suprimindo em 393 com os jogos olímpicos até à sua restauração pelo Barão de Coubertin em 1896 – o Ocidente, vexado de si mesmo, carregado de culpas por ser feito de carne e de sexo, assaltado por pudores, encobriu os seus membros e os seus músculos.

Assistimos também à renúncia da alimentação, por largos períodos de tempo, com um quadro semelhante àquilo a que hoje denominamos de anorexia nervosa. Contudo, esta recusa da comida prendia-se, essencialmente, com a vontade de abandonar o material e alcançar o espiritual” (BARBOSA, 2011, p.26)

Nesse sentido, segundo a autora portuguesa, o cristianismo influenciou o corpo do homem medieval, no sentido que esse corpo passou a ser completamente contido (em contraste com o corpo na era clássica), a presença da religião restringia qualquer manifestação criativa. Nessa época, a preocupação com o corpo era proibida, já que existia a separação do corpo e da alma, prevalecendo a alma sobre o corpo.

Na época, o corpo, ao estar relacionado com o mundo real, ou seja, o mundo material, seria visto como a prisão da alma, o pecado.

### 3. O CORPO NO RENASCIMENTO

No renascimento reedita-se os posicionamentos gregos clássicos. Nas obras de artes renascentistas, vê-se o corpo exaltado esteticamente a semelhança das produções gregas. A filosofia de Rene Descartes (1596-1650) inaugura o pensamento moderno, com a noção do homem como sujeito (*res cogitans*) e todo o restante, inclusive o corpo, como *res extensae*, um epifenômeno.

Com o pensamento de Descartes inaugurando a era moderna, podemos ver uma distinção no modo de pensar o corpo quando comparado ao período clássico.

Na era clássica, atentamos à prevalência de pensar o corpo como algo ainda pertencente ao ser (sem a distinção do sujeito com seu objeto), mesmo que essa interpretação seja feita em sua perspectiva de uma substância material. No entanto, com a modernidade, o corpo (e todo e qualquer ente) começa a ser visto como objeto, ou seja, o corpo nesse novo tempo passa a ser *alguma coisa*, passa a existir sob a luz de algum referencial. Agora, o corpo é colocado como algo dependente da representação daquilo que o homem faz dele, ou seja, o corpo só “é” algo a partir do que o homem passa a pensar dele.

Ora, a posição moderna de distinguir o sujeito de seu objeto teve consequências quanto a pensar o corpo não mais com uma “vida” própria, com suas

características, seu modo singular de ser, e sobretudo sua impermanência. Nessa temporalidade histórica, o corpo passa a ser uma simples *res extensa*, ou seja, uma matéria, submetido a um pensamento dominador cada vez mais crescente.

Na era da técnica e da metafísica, o corpo, como todo *ente*, pode agora ser submetido à principal exigência do método científico: o de medir/determinar/apreciar. Sobre esses métodos de mensuração, Heidegger afirma:

“O medir só é possível quando a coisa é pensada como objeto, representada em sua objetividade (*Gegenstandlichkeit*). Medir é uma maneira pela qual eu posso deixar uma coisa presente por si mesmo me confrontar, isto é, em relação à sua extensão” (HEIDEGGER, 2009, p.107)

A partir da concepção do corpo interpretado como *res extensa* (coisa extensa) o ente passa apenas a possuir aquilo que o homem prova por meio do cálculo e da manipulação, os quais, começam a controlar sua liberdade e humanidade. É com esse pensamento calculante, previsível e mensurável que nasce a era Moderna.

“No Renascimento, as ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico, começa a haver uma maior preocupação com a liberdade do ser humano e a concepção de corpo é consequência disso. O avanço científico e técnico produziram, nos indivíduos do período moderno, um apreço sobre o uso da razão científica como única forma de conhecimento (Pelegriani, 2006). O corpo, agora sob um olhar "científico", serviu de objecto de estudos e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo. O conhecimento científico, a matemática, enfim, o ideal renascentista: O corpo investigado, descrito e analisado, o corpo anatômico e biomecânico (Gaya, 2005). A redescoberta do corpo, nessa época, aparece principalmente nas obras de arte, como as pinturas de Da Vinci e Michelangelo, valorizando-se, deste modo, o trabalho artesão, juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo (Rosário, 2006)” (BARBOSA, 2011)

#### 4. O CORPO NA MODERNIDADE

Dentre os acontecimentos da modernidade, a Revolução Industrial e o Capitalismo foram os fenômenos que levaram a fim o pensamento calculante, proporcionando um desenvolvimento tecnológico numa escalada sem precedentes e, diante do avanço tecnológico, a disciplina e o controle corporal eram preceitos básicos, onde todas as atividades físicas eram prescritas por um sistema de regras rígidas. Nesse contexto, o corpo atual passou-se a servir à razão.

Heidegger entende nossa época (moderna) como uma época terminal, ou seja, uma época na qual as possibilidades do pensamento teórico e científico realizam a plenitude das suas possibilidades (consumação), ganhando sua finitude por meio do domínio técnico e capitalista.

“Com o crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal, assim como o acréscimo da produtividade agrícola aliado à expansão comercial, promovem-se algumas das condições necessárias para o desenvolvimento da indústria moderna. Estas modificações, aliadas a mudanças sociais, desembocaram no surgimento do sistema capitalista” (BARBOSA, 2011, p. 28).

O ser de um ente é interpretado como produto, mercadoria – portanto, algo transacionável, mercantilizado. O que importa é realizar a tríade: exploração, produção e consumo e o corpo se encaixa nessa mesma lógica (nesse cenário, os objetos tornam-se matéria prima, ou seja, com o Capitalismo, as coisas/objeto se tornam meras mercadorias e por serem considerados como mercadoria, o homem acaba não conseguindo criar proximidades com as coisas, pessoas e lugares).

É por meio desse modo de pensar, do corpo visto como objeto manipulável é que os alcances da ciência e da técnica moderna realizam inúmeras intervenções/manipulações que inauguram o corpo performático, estético e eficiente. O corpo do alto desempenho, o corpo esculpido pelos exercícios e pelas cirurgias plásticas e pela dermatologia estética. Através dessa época, onde o corpo é entendido como objeto, por meio de seu domínio alcançado pelas inúmeras técnicas

pensadas pela metafísica, é que vemos uma valorização exagerada em relação a esse ente e, esse tipo de valorização, começou a partir do momento em que começamos a enaltecer o âmbito do sensível em detrimento e/ou empobrecimento do supra-sensível.

Nesse sentido o homem moderno passa a tomar o seu corpo como um objeto passível de ser modelado/esticado/expandido/emagrecido de acordo com o que o mercado está mais vendendo que seria: ter uma boa saúde, uma boa aparência, ser magra, etc.

“No entanto, a padronização dos conceitos de beleza, ancorada pela necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo. De facto, com a comunicação de massas, a reprodução do corpo não se reduz agora ao âmbito da pintura ou do desenho, mas pode atingir um vasto número de indivíduos. O corpo pode ser reproduzido em série através da fotografia, do cinema, da televisão.” (BARBOSA, 2011, p.28)

Ora, a partir do momento em que o Ser começa a ter seu empobrecimento existencial entendemos que não podemos pensar no seu fenômeno sem se distanciar de seu tempo histórico, e esse fenômeno de esvaziamento do Ser acontece devido a negação de sua impermanência e a ameaça de um futuro, no sentido de termos que encarar a velhice, a doença, o desvelamento, a impermanência das escolhas, as angústias, e a finitude.

Por que pensamos no tempo histórico do homem para entender o corpo? Segundo Pompéia (2002), o corpo e como consequência a corporeidade, diz respeito não só ao homem, mas também ao mundo. Com efeito, a partir do momento em que o ocidente separa o sujeito de seu objeto, entendemos que para o entendimento do homem e do mundo existem dois domínios separados: o da subjetividade e o da objetividade. Para tal modelo de separação dualística, existe o mundo lá fora, onde tal é objetivo e nada é contestado, e existe um mundo subjetivo, onde se encontra as questões psicológicas e que não é passível de se ter tanta certeza. Assim, seguindo a lógica metafísica, o corpo começou a ser pensado sob a ótica da objetividade.

Porém, para a fenomenologia, mais precisamente para a Daseinsanalyse, pensar o Ser na dualidade/separação não faz sentido, uma vez que entende-se a existência humana, ou seja, o Dasein, como algo que está no mundo, independentemente de sua separação, já que Heidegger supera a dicotomia do pensamento herdado por Platão. Heidegger retira o mensurável como fundamento da realidade e coloca em seu lugar o significado, a existência.

“é um ente que só pode ter acesso a si mesmo enquanto partilha a presença de outros entes que são distintos dele mesmo” (POMPÉIA, 2002, p.30)

Isso quer dizer que, independentemente da separação, o ser só pode ser, só é, e só pode ter acesso a si mesmo se estiver em relação com um outro, se partilhar sua existência com um outro e, diante disso, não faz sentido entender o Ser na sua separação com o mundo e história. Entendemos o Dasein como temporal e espacial, isto é, espacialidade e temporalidade se constituem como existenciais (modos de constituição essenciais do Ser), ou seja, modos do Ser se mostrar ao mundo.

Quando consideramos a historicidade, pensamos o Dasein como um ente que, desde sempre, está aberto a Ser, sempre no seu sentido de tornar-se algo. Ora, pensar o Dasein como um ente propício a tornar-se algo, é pensar em seu tempo e, para isso:

“ele, a cada momento (presente), penetra no que ainda não é (futuro), e carrega consigo o já ter sido (passado) “(POMPÉIA, 2002; p.30).

Nesse sentido, na modernidade, o Ser penetrou-se em um futuro onde o corpo é visto como mercadoria carregando em si um pensamento metafísico que dá legitimidade para o Ser pensar o corpo como algo constante, mensurável e objetificado, como se o corpo fosse um objeto que nos pertence e que podemos modificá-lo sempre em prol da estética dominante.

Segundo Cardinalli (2002) se faz necessária a compreensão do corpo como ser-no-mundo e isso quer dizer que, para a Daseinsanalyse, é necessário entender que o âmbito da abertura (ser-no-mundo) é o que possibilita a aproximação e o distanciamento das coisas do mundo, com sentidos e significações específicas para o ser humano, não mais entendendo o corpo em sua segmentação (constituído de

órgãos e delimitado por uma epiderme) mensurável e, sim, na sua cultura e historicidade.

“mantém desde o início relações com diferentes dados que aparecem no âmbito do seu mundo. Ele é e existe em cada momento como essa relação entre ele próprio e o mundo. (...) Deste modo, a sua existência se mostra por ela própria como um ‘ek-stare’, no próprio sentido do termo. Pela nossa condição de seres existentes, mantemos aberta uma esfera de entendimento a que chamamos mundo e que nos permite perceber diretamente o que vem ao nosso encontro assim como reagir ao percebido” (Boss 1975, p.15)

É através dessa perspectiva, entendendo a corporeidade do homem como um dos traços essenciais da existência humana e da cultura, que podemos pensar o corpo na atualidade. Boss considera que tudo o que é humano é também corporal e que o Dasein é corporalmente afetado por tudo o que há no mundo e, assim, todas as coisas, cores, cheiros, desejos, fantasias, só estão justificáveis para o homem, porque ele é o aí que corporalmente está e acolhe tudo.

### **CAPITULO III – INTERLOCUÇÃO DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO COM OUTROS AUTORES**

Levando em consideração a modernidade ou pós-modernidade, presenciamos uma mudança no modo de se interpretar o corpo, devido ao modo como o “ser” foi sendo interpretado, ou seja, a partir do horizonte da técnica moderna que consiste numa atitude de provocação. Segundo Heidegger, a essência da técnica moderna é a provocação, no sentido de que o homem se coloca na perspectiva de se relacionar a partir da tríade: exploração, produção e consumo. Nesse modo de ser e pensar tudo se converte em mercadoria/objeto. Nesta perspectiva, vemos um corpo aprisionado as mensurações em consonância com os empenhos estatísticos da normalidade em termos da tal funcionalidade, um corpo utilizado pelos veículos de comunicação, um corpo eficiente, performático tanto no sentido estético como na alta performance dos empenhos esportivos, um corpo que resiste ao envelhecimento, manipulado e transformado pela dermatologia estética e pelas cirurgias plásticas, etc. Num mundo capitalista e feito ao consumo de modo que o ser-aí perde sua esfera individual e passa a ter uma vida aberta para todos, sem privacidade, onde tudo é escancarado pelos recursos das redes sociais e exigências dos modismos.

Birman (1998), em uma conferência realizada em Paris, dialoga que no final dos anos 60, G. Débord denominou de “sociedade do espetáculo” as modalidades originais de sociabilidade que então se forjavam. Segundo Débord (1997):

“(…) quanto mais ele [o indivíduo] contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (...) É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte” (Débord, 1997, p. 24).

Nesse sentido, parece surgir uma nova forma de solidão, o sentimento de o corpo ser palco de uma exacerbação dos “bons costumes atuais”, ou seja, ser belo, magro, saudável, dormir tantas horas por dia, ser bem-sucedido no trabalho e em

casa. O corpo atual está à mercê de uma manipulação política e tecnológica que faz com que o indivíduo perca seu espaço privado e, como consequência desta perda, perde-se quem é o sujeito real no sentido de admitir-se que ser humano é um ser falho, é ser falta, é ter conflitos, e os veículos de comunicação bem como a sociedade atual, não dão espaço para que o indivíduo seja falho, uma vez que o a falha não é bem vista tanto na esfera pública como na esfera econômica. Neste panorama, o sujeito, ao perder-se de si mesmo, também se perde do outro, uma vez que suas ligações são artificiais, não são contatos para admitir sua falta para com seus amigos, por exemplo, são contatos para contar seus “bem feitos”.

Birman (1998), na mesma conferência, também aponta que o pensamento do norte-americano Lasch se funde com o de Débord só que, ao invés de uma sociedade do espetáculo, para Lasch, essa sociedade se encontra enredada (montada envolta) na cultura do narcisismo. Seja qual for o pensamento, o psicanalista afirma que ambos são variantes de uma mesma matriz, ou seja, tais fenômenos surgem com a chegada do pós-modernismo.

Birman (1997) observa ainda sobre qualquer ideia teórica sobre a questão do sujeito na cultura. Ao se falar de um psicanalista como Birman, faz-se necessário destacar que é fundamental para o discurso psicanalítico qualquer tematização sobre o sujeito no aspecto do campo da cultura. Para o autor, a cultura é o outro do sujeito, sem a qual é impossível pensar nas condições de possibilidade para a constituição do sujeito. No discurso freudiano essa relação é marcada pelo mal-estar, pois a inserção do sujeito na cultura é permeada pelo conflito e pela impossibilidade do sujeito em solucioná-lo de forma absoluta.

Ao falar que a cultura é o outro do sujeito, estamos nos referindo que, a partir do momento que saímos da natureza e entramos na cultura, não temos mais necessidades e desejos puramente nossos. Isso acontece porque o corpo está à mercê da linguagem.

“ Quando falamos de tipos, cenários ou fantasias de corpo, estamos falando sobre entidades estruturadas linguisticamente. Elas podem tomar a forma de imagens na mente de alguém, mas são, pelo menos

em parte, controladas pelo significante e, portanto, ao menos potencialmente significantes e com sentido” (FINK, 1956, p. 30)

Pensar o corpo à mercê da linguagem é pensar em um corpo marcado por sua história. Portanto, pensar o corpo como um ente histórico é pensar que, o que o sujeito apresenta em seu corpo é um corpo ideal:

“O que o sujeito apresenta é seu eu-ideal, auto-retrato pintado segundo as linhas mestras dos ideais daqueles que construíram os Outros primordiais em sua existência. Imagem pintada com as tintas do desejo dos ancestrais, que vão compor os matizes de seu eu pela via da linguagem constituindo assim o eu como um retrato falado” (QUINET, 1951, p. 15)

Diante disso, vemos que os desdobramentos da compreensão da corporeidade em Heidegger e a compreensão psicanalítica do corpo não se reduzem à biologia. O corpo para Lacan, assim como em Heidegger e ou Freud, não é o corpo biológico. Lacan, por exemplo, pensa a imagem do corpo a partir do estágio do espelho e da elaboração do registro do imaginário. Logo, o estágio do espelho seria a ideia de que o Eu se constrói primeiramente a partir do outro, em especial a partir da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante, configurando seu narcisismo.

“O estágio do espelho tem ligações com as concepções de Henri Wallon (filósofo, neuro-psiquiatra, psicólogo) sobre a importância do espelho para a aquisição da noção de corpo próprio. Na perspectiva walloniana, a prova do espelho especificava a passagem do especular para o imaginário e, em seguida, do imaginário para o simbólico (Roudinesco & Plon, 1998, p.194), numa operação dialética entre a criança e o espelho, entre o eu e o outro. Lacan retoma as concepções de Wallon e, com base na teoria de Freud e em reflexões filosóficas, o espelho passa a ser o semelhante e o estágio do espelho se transforma numa estrutura ontológica do mundo humano” (PRISZKULNIK, 2002, p.144)

Pensando no “Eu” se construindo a partir de um Outro, sendo esse Outro dado, “A Sociedade do Espetáculo” (1967), do filósofo Guy Debord faz todo sentido ao tecer uma crítica a presença massiva da mídia como veículo de comunicação, que ajuda a perpetuar esse imaginário, construindo fenômenos pós-modernos sobre como se dá a relação da imagem e o existir dos indivíduos. Não precisamos ir tão longe para acompanhar esses fenômenos pós-modernos, basta abrir sua rede social para ver inúmeras propagandas de “como emagrecer em 10 dias”, modelos sempre felizes, altas, brancas e magras, matérias como: “Kim Kardashian revela o segredo de cintura fina”, por exemplo. Sua presença, segundo o autor, se assemelha ao pensamento do estádio do espelho de Lacan, ao tentar explicar que a relação da imagem e do existir dos indivíduos se dá através de exposições massivas da imagem que acabam por falsificar a vivência do real do mundo exercido pelos sujeitos.

Pela noção de sociedade do espetáculo, Debord (1997) mostrará que a demanda de engendramento do espetacular definirá o estilo de ser das individualidades e da relação entre essas na pós-modernidade, ou seja, presenciemos um fenômeno de exaltação do eu e a estetização da existência realizada pelos indivíduos.

Nesse sentido, a exigência pós-moderna de transformar as dificuldades da vida em uma obra de arte evidencia o narcisismo que o sujeito deve cultivar na sociedade do espetáculo. Diante do narcisismo, o indivíduo é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro.

## **CAPÍTULO IV – A CORPOREIDADE E AS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS.**

Segundo Cardinali: “(...) Na atualidade, o ser humano não é considerado em sua totalidade, mas, sim, como uma composição de partes distintas, especialmente, em sua dimensão material e imaterial”. A pensadora considera que o corpo na atualidade é criado como um corpo material, corpo físico ou orgânico. Nesse sentido, ao ser focalizada apenas a sua materialidade, o corpo é visto como a dimensão que é limitada pela epiderme, constituído por um conjunto de órgãos que apresentam um determinado funcionamento.

“ Essa concepção é apresentada já nos primeiros anos escolares, isto é, que o corpo humano é constituído por: cabeça, tronco e membros. Posteriormente, mostra-se mais detalhadamente a descrição da anatomia de cada parte do corpo humano e o funcionamento dos diversos sistemas, como o digestivo, o circulatório ou o endócrino. Essa visão do corpo, que corresponde aos estudos oriundos das ciências naturais, é também a maneira como ele é definido mais habitualmente por todos nós” (CARDINALI, 2002, p.47)

No século XX, por exemplo, a psiquiatria alemã considerava que as doenças da psicossomática eram causadas, grosso modo, pelo sistema nervoso devido à uma lesão ou inflamação. Foi Sigmund Freud que inaugurou o entendimento das manifestações corporais, sintomáticas a partir de um horizonte hermenêutico, ou seja, a compreensão do sentido do sintoma. Esse empenho ocorreu diante do acompanhamento da histeria, Freud percebeu que a gênese de uma doença histérica não está puramente no seu fator biológico, mas sim num âmbito emocional, psicológico.

“Quando Freud chega a Paris, a histeria já é um problema médico cuja gênese é atribuída à hereditariedade, às lesões ou inflamações do sistema nervoso que causam dano ou disfunção de seu funcionamento.” (FULGENCIO, 2001, p.33)

Nesse sentido, Freud aponta que há um limite para o pensamento metafísico cientificista natural, sobretudo quando se trata da compreensão do homem e de seus sintomas corporais.

“Para Freud, a situação é outra; ainda que não esteja afastado totalmente o reconhecimento desse fundo biológico como base orgânica para a constituição dessa patologia, ele não pensa a histeria em termos estáticos; para ele, os sintomas não são um fruto da cisão mecânica entre representações, mas do conflito entre elas” (FULGENCIO, 2001, p.36)

De acordo com Fulgencio (2001, p.36):

“ a oposição entre o conjunto de representações que caracterizam o “eu” e um outro conjunto que se opõe a estas (representações inconciliáveis com o “eu”). Trata-se de uma concepção dinâmica que admite forças psíquicas em conflito (apud Freud, 1913, p.29-30)”.

No que se refere à corporeidade no fenômeno da histeria, ainda que Freud admita esse limite compreensivo entre a ciência e a sua metapsicologia, não obstante sua ênfase dada à compreensão do homem numa perspectiva hermenêutica psicanalítica o pensamento ocidental, o psicanalista não deixou de ser afeito ao pensamento calculante, separando o sujeito do objeto. No fim do século XIX e início do XX, alguns psiquiatras viam a histeria como uma expressão da fragilidade e das carências exclusivamente femininas sobretudo em relação a sexualidade. Ora, o século XIX e XX foram marcados fortemente por uma severa repressão sexual, onde a moral e os ideais, sobretudo europeus, estavam voltados para uma dependência pessoal, no que se refere a mulher:

“As conexões entre a família do século XIX e a sociedade burguesa permanecem obscuras: de um lado uma sociedade com uma economia baseada na livre iniciativa individual e igualdade de direitos e de outro uma aristocracia patriarcal e hierárquica de dependência pessoal (pai guardião, guia e juiz) e,

abaixo dele, o bom anjo da casa, a mãe, esposa e amante, que devia alimentar, vestir e agradar a todos, além de manter tudo em ordem. (Kitty, de Tolstoi, é bem esse modelo de mãe e esposa, enquanto o marido vivia suas aventuras, inclusive com a preceptora dos filhos). “Seja boa, doce senhora, e deixe aos outros serem inteligentes”. Bastava que ela fosse uma escrava atraente, ignorante e tola, mas precisava exercer bem o controle dos criados, cuja presença caracterizava a condição burguesa e o fato de não trabalhar, mas ordenar aos outros que trabalhassem. Se trabalhasse perdia a condição de lady.” (ANDRADE, 2013, p.66)

Nesse horizonte histórico, Freud substituiu o ponto de vista mecanicista pelo dinâmico:

“substituiu o princípio causal responsável, em última instância, pela própria existência dos sintomas. O reconhecimento dos conflitos, enquanto parte dos dados descritivos que a observação clínica fornece, poderia ser explicado tanto em função de um ponto de vista como de outro. Poder-se-ia ver o conflito como um suposto efeito de partes de um sujeito cindido, funcionando desconexas ou desarticuladas (ponto de vista mecânico); mas o conflito pode também ser entendido como causado por forças (ou conjunto de representações carregadas de afetos, que constituem forças psíquicas) em oposição. A escolha pela perspectiva dinâmica, como base para explicar o conflito e o sintoma, corresponde a um tipo de pressuposição ou de princípio a priori que a experiência não tem condições de provar, nem como falso nem como verdadeiro, mas tão-somente como eficaz ou não, correto ou incorreto, para fornecer organização e transparência na apreensão dos fenômenos e na explicação de suas relações de co-determinação” (FULGENCIO, 2001, p.39)

Ao pensar a histeria como uma doença oriunda sobretudo de seu contexto cultural, Cardinalli (2001) através do pensamento de Medard Boss, considera que, já que o ser humano é também corporal, então o Dasein é corporalmente afetado por tudo que há no mundo, ou seja, é afetado pelas cores, cheiros, sabores, prazeres e dores que só estão disponíveis para o homem, vez que o homem é o aí que corporalmente acolhe tudo. Nesse sentido, as patologias psicossomáticas são compreendidas como a manifestação de perturbações, limitações ou restrições na dimensão corporal, que dizem respeito à totalidade do existir do sujeito e não especificamente à alma ou ao corpo.

Cardinalli (2001), sobre a perspectiva de Boss, ainda afirma que a natureza do fenômeno do adoecimento pode ser compreendida como privação ou restrição nas possibilidades do homem de realizar o seu existir. Assim, o estar doente é caracterizado pelo prejuízo na habilidade de realização das possibilidades e com tal prejuízo ocorre a interferência direta na liberdade do ser humano para realizar suas concretas possibilidades nas diferentes situações da sua vida.

“Vemos que a doença e a saúde, ao mesmo tempo, estão orientadas por poder realizar e por ser livre. Na doença, ocorre uma privação mais acentuada de realizar livremente seu existir, enquanto na saúde este realizar se mostra por poder dispor mais livremente das possibilidades de realização que se apresentam na abertura do mundo de uma pessoa específica. Tanto na doença como na saúde a realização do existir de cada pessoa acontece num contexto de significação diferente” (CARDINALLI, 2001)

No que tange à psicossomática, vale ressaltar que existem limites dessa prática tanto no mundo da clínica psicológica quanto na medicina. O primeiro limite é a construção da palavra psicossomática que procura reunir duas instâncias: psiquismo e corpo, como vimos separadas pelo modo de pensar metafísico moderno, principalmente em Descartes. Outro limite refere-se à causalidade, ou seja, compreende-se erroneamente que o objeto da psicossomática é o âmbito dos sintomas sem que haja uma causa orgânica, uma

etiologia constatada. Nesse sentido, tudo o que acomete o corpo pode ser assunto da psicologia, pois as restrições mesmo que físicas, como os traumatismos, repercutem existencialmente em outros existenciais, como nas disposições afetivas, na compreensão de mundo; na temporalidade, no cuidado, etc. Nesse horizonte de pensamento há uma significativa quebra paradigmática quando entendemos o homem com ser-no-mundo (*Dasein*), essa compreensão fala de uma totalidade existencial, de certo modo observada também por Birmann, Dunker.

Outro âmbito de análise concerne ao entendimento de que as manifestações corporais (sintomas) são compreendidas em Heidegger (1927) como aparências. As aparências são indicativas de sentidos, como por exemplo, uma febre pode indicar algo que deve ser procurado por meio de outros sintomas. A compreensão de que as manifestações: parecer, aparência e mera aparência não são o fenômeno e sim modos privativos do fenômeno se mostrar, levaram a fenomenologia hermenêutica, entender que o âmbito do acesso compreensivo deve ser hermenêutico. O que importa é a compreensão do sentido do ser, do sentido do sintoma existencialmente falando. Nesse tocante, a “psicossomática” converte-se em uma prática hermenêutica e não diagnóstica.

Inserir as contribuições da fenomenologia hermenêutica de M. Heidegger no âmbito da clínica e de suas práticas significa pensar a corporeidade como vimos não mais no âmbito da objetivação, corpo como substantivo, corpo como cisão entre psiquismo e corpo, mas o corpo como fenômeno. Nesse sentido o que cabe para as práticas clínicas é um acesso ao sentido das manifestações corporais, sendo que esse acesso se dará por meio de análises das manifestações (aparências). Carecemos de estudos Daseinsanalíticos que possam apresentar a corporeidade como campo de sentidos desvelados num processo clínico. Sabemos que as manifestações corporais não são acontecimentos aleatórios, nem tampouco seguimos aquela orientação clássica média que concebe os impactos somáticos aos órgãos fracos ou de impactos. Sabemos que fenomenologicamente a coluna vertebral, por ser uma estrutura de estabilidade (manter-se ereto), pode num momento existencial sentir a vida pesada, um fardo que ela pode ser acometida de várias manifestações sintomáticas, como por exemplo, uma lombalgia – tensões pertinentes ao modo

de ser e de habitar o mundo. Os problemas digestivos não deixam de ser uma resposta ao mundo apressado e eficiente do sem tempo, até mesmo para comer e saborear – o fast food é um exemplo desse modo de ser.

Não é sem propósito que se relaciona as depressões à diminuição da resistência, dos processos de proteção e conseqüentemente o aparecimento de adoecimentos em geral até mesmo do câncer.

A medicina chinesa, por exemplo, associa os órgãos do corpo aos sentimentos, e isso mostra uma quebra paradigmática da fisiologia ocidental.

Para a Daseinsanalyse que é uma abordagem clínica orientada pelas contribuições de Heidegger e constituída por L. Binswanger e posteriormente por Medard Boss (1903-1990), o âmbito daquilo eu denominamos por psicossomática, deve se aproximar do entendimento de que os sintomas são manifestações indicativas de sentidos e que esses sentidos devem ser acessados por uma hermenêutica exploratória. O âmbito dessa hermenêutica procura pela revelação do sentido do ser que tem seus fundamentos na compreensão do método fenomenológico de investigação apresentado por Heidegger em *Ser e tempo* (1927) no seu parágrafo sétimo.

A passagem da categoria diagnóstica para a categoria hermenêutica realiza a diferença entre a compreensão das essências, para uma fenomenologia eidética em Husserl, para uma fenomenologia hermenêutica em Heidegger.

Muitos são ainda os aspectos hermenêuticos que devem ser perscrutados nos casos clínicos, até mesmo uma hermenêutica que aponte para os modos de ser corporal do homem no âmbito até mesmo da sua fisiologia. Por exemplo a associação rica que se faz do coração órgão/músculo, para o coração ligado às disposições afetivas do ressentimento, do amor, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho de pesquisa procuramos ressaltar o âmbito da corporeidade, ou seja, o corpo visto como fenômeno, portanto inscrito, pertencente à existência e não o corpo na perspectiva objetivada, própria do modo de pensar metafísico. O intuito de colocar a corporeidade na existência foi de ultrapassar a dicotomia corpo/espírito; psiquismo/soma, procurando colocar o âmbito da corporeidade como modos de ser no mundo, um modo mais amplo de considerar os fenômenos corporais, para além das perspectivas causais, deterministas do pensamento metafísico ocidental.

Sabe-se que Heidegger escreveu muito pouco sobre o existencial da corporeidade em *Ser e tempo* (1927), mas que nos *Seminários de Zollikon* realizados entre 1959 e 1969 aproximadamente, onde reuniram-se Heidegger e o Prof. Medard Boss, alunos e outros profissionais, o pensador fez considerações importantes sobre a corporeidade.

Medard Boss publicou um livro sobre os fundamentos da medicina psicossomática na suíça, infelizmente não traduzido para o português até o presente momento. Por se tratar de um tema relevante para o estudo da corporeidade e da aproximação das práticas médicas com a psicologia, procuramos estudar esse tema a partir da 'História do Ser', seguindo autores como Michelazzo entre outros. Procuramos também fazer interlocuções com as contribuições de autores não necessariamente inscritos no pensamento da fenomenologia existencial, nesse sentido é um trabalho embrionário que carece de aprofundamento e de estudos futuros.

No que se refere a 'História do Ser', observamos que a partir de Descartes, a chamada 'Época da Técnica Planetária' está em voga até hoje produzindo as mais problemáticas violências e forjando subjetividades inautênticas. Digamos que a 'Época da Técnica Planetária' está no seu máximo desenvolvimento, sendo alimentada por uma lógica selvagem do capital e, por vezes, se vendendo como práticas psicológicas e/ou práticas de como viver de modo moralmente "correto" a ponto de colocar em jogo seu "Eu" no sentido de não pertencer mais a si mesmo, de se fazer empobrecer-se de si mesmo através

da imagem de um Outro, de perder-se no meio de tanta informação e consumo. Nesse horizonte violento de sentido é que entendemos que a violência é só um dos modos de ser com os outros, de ser com o mundo, comigo mesmo, de ser-no-mundo.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. C. M. **“O século XIX: O mundo burguês/O casamento/A nova mulher: O contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro”**- n.9, *Araxá: Evidência*, 2013.

BARBOSA, M.R. “Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje / A glance into the body: yesterday's and today's body - n.1, **Psicologia & Sociedade**, 2011.

BIRMAN, J. “A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade” – n.1, **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 1999.

CARDINALLI, I. “Daseinsanalyse: Corpo e Corporeidade” – v.12, **Revista Associação Brasileira de. Daseinsanalyse**, 2002.

CUKIERT, M. **“Considerações sobre eu e o corpo em Lacan uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan”** – n.1, *Estudos de Psicologia*, Natal, 2002.

DEBORD, G. **“A Sociedade do Espetáculo”**. Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2003.

FINK, B. **“O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo”**. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FULGENCIO, L. “A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias” – v.4, **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

MICHELAZZO, J.C. "Corpo e tempo". **Revista Associação Brasileira de. Daseinsanalyse**, n.12 São Paulo: ABD, 2003.

POMPEIA, J. "Corporeidade". **Revista Associação Brasileira de. Daseinsanalyse**, n.12, São Paulo, 2002.

QUINET, A. "**A Descoberta do Inconsciente**". Rio de Janeiro: Zahar, 2000